

Comunicação e contemporaneidade: conceitos e relações para a formação da sociedade.¹

Caio Mario Guimarães ALCANTARA²

Valéria Cristina BONINI³

Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju, SE.

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade discutir algumas das principais correntes do pensamento da comunicação na busca pela construção de uma reflexão acerca do que é a comunicação e como ela está inserida em diferentes áreas da vida social na contemporaneidade. Essa reflexão se justifica pelo modo em que a comunicação participa dos fenômenos sociais, sendo possível ressaltar que não há vida em grupos sem que haja troca, interação no sentido comunicacional. Ao longo dos tempos, em especial durante o século XX, pesquisadores buscaram entender o que é e como se processa esse fenômeno. Nesta prerrogativa, o objetivo do estudo é fazer uma leitura de correntes do pensamento comunicacional visando melhor discorrer sobre as contribuições da comunicação para a sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, sociedade, pensamento.

INTRODUÇÃO

A comunicação é uma área do conhecimento humano que dialoga com diversas outras. Neste parâmetro, está de forma direta ligada a campos dentre os quais a história, psicologia, educação e a antropologia. Em se tratando de conceitos não existe consenso acerca do que seja a comunicação. Muitas correntes e pensamentos buscaram uma compreensão acerca desse elemento da vida em sociedade e com isso um considerável número de pontuações foi construído. Contudo é possível perceber que quase a totalidade dos estudos já feitos sobre a comunicação leva ao entendimento de que ela é algo intrínseco à vida em sociedade, por isso depende de interações. Neste contexto, Marcondes Filho (2008) afirma que

¹ Trabalho apresentado no DT8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, UNIT/SE; e-mail: caiogmalcantara@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Educação, linha de pesquisa Comunicação e Educação, UNIT/SE; Especialista em Potenciais da Imagem, UFBA/BA; Professora dos Cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda, UNIT/SE; e-mail: ybonini@oi.com.br / valeria_bonini@unit.br

Comunicação é algo que ocorre entre as pessoas. Não é nada material, não é um esquema de caixinhas ligadas por fio, não é uma coisa que eu transmito, repasso, que eu desloco ao outro, como se eu pudesse abrir sua cabeça e pôr lá dentro, minhas idéias, princípios, informações, seja o que for. (MARCONDES FILHO, 2008, p.08)

Outro pensador que compactua com essa ideia de necessidade de interação é Bordenave (2008). Para ele, qualquer que seja a linha de pensamento estudada, existe um ponto de convergência quando se comenta sobre características intrínsecas à comunicação: a necessidade de haver um fluxo de interação entre indivíduos para que seja concretizado um diálogo. Para Bordenave (2008, p.14) a comunicação é “uma das formas pelas quais o homem se relaciona entre si. É a forma de interação humana realizada através de signos”. O autor ressalta ainda a ideia de que só existe comunicação através de códigos, que aqui ele chama de signo. Neste preceito vale a ressalva de que os códigos são compostos por todos os artifícios que o ser humano lança mão para conseguir comunicar-se, quer seja figuras, letras, números ou mesmo sons.

Dessa forma é possível depreender que os efeitos da comunicação estão ligados ao comportamento do homem. Com isso Bordenave (2008) busca explicar que os significados que cada indivíduo confere às mensagens transmitidas terminam por interferir na personalidade de cada um e nas ações que são tomadas pelos seres sociais. Dessa maneira tem-se a comunicação interferindo de forma direta na vida dos seres humanos.

A convivência social proporcionou à humanidade uma série de acontecimentos que foram modificando os rumos do homem. Ao se assumir como um ser social por essência, o homem aprendeu a dominar o fogo, inventou ferramentas importantes e dominou técnicas antes desconhecidas, que culminaram na completa alteração da sociedade que outrora era rural, em sociedade capitalista. Com essas mudanças a sociedade global chegou à era contemporânea⁴, o momento em que a humanidade vivencia a alta tecnologia e todas as implicações que ela traz para o cotidiano dos que vivem nos centros urbanos.

Diante de tal feito, este trabalho propõe destacar a relação entre o fenômeno social da comunicação e o desenvolvimento da vida em sociedade. Para tal tem o objetivo de fazer uma leitura de correntes do pensamento comunicacional visando melhor discorrer sobre as contribuições da comunicação para a sociedade contemporânea.

⁴ A Era Contemporânea é um período que se inicia “em 1789 e estende-se até nossos dias. [Naquele] século o capitalismo atingiu sua maturidade e plena dinamização, alcançando, progressivamente a sua globalização”. (VINCENTINO, 1997, p. 9)

COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE INDUSTRIAL

A contemporaneidade trouxe consigo fenômenos até então desconhecidos pelo homem. Efeitos de ordem social e econômica que transformaram a maneira como o homem se relacionava com a sociedade tiveram reflexão direta na forma como a comunicação passou a ser feita e em sua finalidade, sem deixar de lado as tecnologias utilizadas como suporte para a transmissão de mensagens. Nesse sentido, Ferreira (2001) escreve que as mudanças advindas com o século XIX, no qual a sociedade deixou de ser rural e passou a ser urbana, promoveram um grande deslocamento de massas humanas e esse deslocamento trouxe consigo o fenômeno da massificação⁵. A mudança no hábito de vida oriunda da urbanização precedeu a chegada do século XX. Tal feito é descrito pelo autor na medida em que ele entende o estudo dos efeitos e do conceito da comunicação como anteriores a este século e tendo relação intrínseca com aspectos sociológicos e econômicos vigentes. Assim Ferreira (2001) explica que

Os termos cultura e meios de comunicação de massa têm sua origem no bojo da reflexão sociológica do século XIX acerca da sociedade moderna. [...] O século XIX conheceu uma série de transformações (sociais, econômicas, ...) sobretudo nos Estados Unidos e Europa. Logo, tais mudanças foram objeto da reflexão das ciências sociais, em especial da sociologia. Alguns aspectos foram ressaltados na caracterização da sociedade emergente. (FERREIRA, 2001, p.100)

É importante ressaltar que o estudo da comunicação não está somente retido à compreensão dos efeitos da massificação, apesar de que boa parte dos escritos acerca do fenômeno da comunicação lancem mão da Revolução Industrial⁶ como um dos principais marcos desse fenômeno. Outras correntes teóricas propagam a idéia de que muito antes da industrialização e da urbanização, o homem já se utilizava da comunicação como uma ferramenta importante inclusive para a sobrevivência de grupos.

Entre os que pensam a comunicação como um processo anterior à contemporaneidade está Hohfeldt (2001), que busca compreender a comunicação como o processo baseado em linguagem e que necessita da participação de diversos atores para ser

⁵ Para Coelho (1993) a massificação é um fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determinam um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho.

⁶ Araújo (2006) discorre que a revolução industrial foi um processo histórico que culminou na substituição do homem pela máquina, da fabricação doméstica pelo sistema fabril. Com o advento das máquinas foi criada a base para desenvolvimento material, inovador para a época.

concretizada. Com isso é plausível afirmar que o marco principal da comunicação e de sua influência para o homem enquanto ser social é a invenção da escrita. Assim não é possível dissociar a escrita como um dos recursos que a sociedade passou a utilizar para transmitir códigos sociais.

Tomemos como ponto de partida a invenção da escrita pelos sumérios em 3.500 a.C. Podemos depois referir o surgimento da escrita entre os judeus e os gregos, e verificar o significativo papel que a mesma teve ao fixar, em documento e de maneira segura, isto é *codificada* num texto único, as diferentes versões das antigas narrativas mitológicas de cada povo. (HOHFELDT, 2001, p.63)

Exemplos históricos comprovam a contribuição que o signo (ou código) representado pela escrita recém surgida, promoveu para o desenvolvimento de sociedades e até mesmo impérios. A comunicação codificada, feita por meio da escrita, se tornou responsável pela transmissão de costumes e ensinamentos e nessa perspectiva deve-se considerar o signo também como um dos conceitos da comunicação. Assim é possível entender que a comunicação acontece por meio da transmissão de mensagens através de códigos, reforçando o pensamento de que é imprescindível haver interação para se concretizar a comunicação.

A influência das comunicações de massa permanecerá incompreensível se não se considerar a sua importância relativamente aos critérios de experiência e aos contextos situacionais do público: as mensagens são captadas, interpretadas e adaptadas ao contexto subjetivo das experiências, conhecimentos e motivações. (WOOLF, 1999, p.28)

Neste parâmetro depreende-se a ligação entre a invenção do código escrito e o surgimento das sociedades organizadas, vez que nenhum ser emite qualquer mensagem que não possua qualquer conteúdo e muito menos um receptor a ser persuadido. No entanto, deve-se levar em conta que por ser um fenômeno complexo e interdisciplinar a comunicação possui um grande número de conceitos que explicam cada um a seu modo, o que a comunicação vem a ser, como acredita Felinto (2007, p.47) quando afirma que “não existe igualdade conceitual nas bibliografias que costumamos qualificar de ‘comunicação’ e em cada território geográfico-cultural os estudos de comunicação assumem feições diferentes”.

Vale ressaltar que apesar de se fazer presente durante toda a evolução da vida em sociedade, a comunicação tem marcado mais as relações humanas após o advento da

Revolução Industrial. Foi esse o grande marco inicial do processo de intersecção homem-máquina, que possibilitou a ascensão dos meios de comunicação como balizador das relações sociais contemporâneas.

COMUNICAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE: CONCEITOS E RELAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Em se tratando da urbanização advinda da Revolução Industrial, a comunicação é pensada no caminho inverso, ou seja, enquanto as máquinas propiciaram a ida do homem, que antes vivia isolado no campo para os grandes centros urbanos, as abordagens da comunicação reduziram o contato pessoal. Polistchuk e Trinta (2003) não compactuam com a idéia de que o homem se tornou um ser que convive mais com outros indivíduos a partir da massificação da sociedade e assim discorrem que essa urbanização exacerbada fez nascer o efeito inverso, o isolamento, e com ele surge um novo modelo comunicacional, no qual a mídia passa a ser a grande comunicadora. Esse tipo de perspectiva se baseia em efeitos típicos da sociedade contemporânea defendida por Marcondes Filho (2008), que relata que

as pessoas são diferentes, suas vidas são distintas umas das outras, mas há uma constante em todas elas: a incomunicabilidade. É o mal do século. Nosso século é o século da incomunicação. É século do paradoxo, pois em nenhuma outra época da história humana, as pessoas tiveram à sua disposição tantos meios de comunicação [...]. todos podem ser localizáveis, estejam aqui, na esquina ou no outro lado do mundo. [...] De certa forma esse volume e essa quantidade de aparelhos, máquinas, sistemas, redes, acessos, canais, equipamentos, nos cegam, nos iludem. (MARCONDES FILHO, 2008, p.12)

É perceptível a orientação de crítica em relação à industrialização da comunicação e não se pode negar que esse fenômeno trouxe novos efeitos para o processo da comunicação. Se por um lado com a industrialização e toda a modernidade dos suportes provenientes dela possibilitaram à sociedade novas perspectivas de comunicação, por outro o homem tornou-se um ser mais frio. Ao mesmo tempo em que se encontra inserido em diferentes processos, dentre os quais o trabalho e a educação, está isolado fisicamente das interações que poderiam ocorrer a sua volta.

Tem-se aqui um posicionamento tomado em face ao paradigma Funcionalista-Pragmático, “esse modelo de pensar e conhecer a sociedade surgiu nos Estados Unidos no

período compreendido entre os anos de 1940 e 1960” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 86). Ou seja, um modelo que tem por base o positivismo e o empirismo tendo por vistas explicar a organização social. É possível dizer assim que no campo da comunicação, os estudos funcionalistas tinham como objetivo principal compreender a influência dos meios de comunicação sobre essa massa oriunda da industrialização. Assim sendo, o indivíduo, quer seja isolado ou como massa, passa a ser objeto de análise. A definição dos autores acerca do funcionalismo é descrita no tocante a

explicar teoricamente fatos e fenômenos da comunicação no âmbito das teorias funcionalistas [fato que] implica, não raro, situar a mídia em posição antiética àquelas ocupadas por indivíduo e sociedade. Isso ocorre porque o funcionalismo sociológico, ao oferecer modelos sensíveis a um estudo científico da comunicação, parte do princípio de que a mídia destila um ‘caldo de cultura’ e, por essa via, tende a influenciar comportamentos. (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p.87)

Para o funcionalismo a interdisciplinaridade da comunicação se fazia notada por meio das técnicas de psicologia como o Behaviorismo⁷, que utilizava estímulos para adequar, padronizar objetos de estudos. Numa comparação, o objeto estudado seria o homem que consome a comunicação, aquele que recebe os estímulos transmitidos e assimila as mensagens.

Foi pensando por esse prisma, que muitos pesquisadores adeptos ao funcionalismo se utilizaram de esquemas nos quais os meios de comunicação, a exemplo do rádio e da televisão se constituíam como o instrumento a prender a atenção do objeto estudado, qual seja o homem. Por meio desses suportes eram transmitidas mensagens e estudadas as reações do homem ou mesmo da sociedade a esses estímulos. Dentro dessa perspectiva a comunicação é reduzida a algo que serve apenas como instrumento de controle social, ou seja, os meios de comunicação seriam aparelhos que grupos de controle utilizam para manipular a massa que consome a comunicação transmitida, e com esse padrão de pensamento, o lado reflexivo do ser humano fica um tanto negligenciado, já que se considera a capacidade de raciocínio, crítica e interação.

É importante relatar que as pesquisas em torno do fenômeno da comunicação não ficaram restritas aos Estados Unidos. Na Europa, mais precisamente na Alemanha, Rüdiger

⁷ O Behaviorismo dedicou-se ao estudo do comportamento na relação que este mantém com o meio ambiente onde ocorre. Mas como comportamento e meio são termos amplos demais para poderem ser úteis para uma análise descritiva nesta ciência chegaram aos conceitos de estímulo e resposta. (FURTADO; TEIXEIRA, 1992, p. 38)

(2001) explica que na primeira metade do século XX, um grupo de pesquisadores formado por estudiosos como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse entre outros tinham o objetivo de investigar relações e fenômenos sociais advindos da industrialização como a urbanização e a transformação da cultura em mercadoria: a Escola de Frankfurt⁸. Esse grupo estudou uma vastidão de temas ligados à sociedade, desde as etapas que culminaram na sociedade organizada até elementos dessa vida social. De forma geral, a escola do pensamento social fez crítica a violência da submissão das massas aos processos sociais. Para o autor

partindo das teses de Marx, Freud e Nietzsche, pensadores que provocaram uma profunda mudança em nossa maneira de ver o homem, a cultura e a sociedade, a principal tarefa a que se dedicaram os frankfurtianos consistiu, essencialmente, em recriar suas idéias de um modo que fosse capaz de esclarecer as novas realidades com o desenvolvimento da capitalismo do século XX. (RÜDIGER, 2001, p.132)

No momento em que surgiram as idéias dos frankfurtianos, o mundo vivia um dos períodos mais intensos de mudança de paradigma sócio-econômico e essa profusão de acontecimentos se constituiu num campo fértil para as análises e críticas dos pensadores, que buscaram entender, e de certa forma modificar, a maneira como a ciência visualizava a sociedade. Tal feito pode ser considerado uma das grandes contribuições do pensamento frankfurtiano. No tocante a desconstruir e reconstruir a crítica e reflexão acerca de fatores e fenômenos ligados à sociedade capitalista foram os pensadores de Frankfurt que atentaram para a interferência da mídia nos processos culturais e todos os prejuízos que o capitalismo e a mercantilização da comunicação trouxeram para o homem. Em análises os pensadores de Frankfurt chegaram a conceituar uma ‘degeneração’ dos aspectos culturais com a imposição do paradigma burguês. Este pensamento pode ser percebido quando se comenta o fato de que

a cultura européia como um todo tenha degenerado em mera ideologia aquilo que oferece ao consumo, hoje prescrito a populações inteiras por *managers* e técnicos em psicologia, provém da mudança de sua função em relação à práxis material, de sua renúncia a uma intervenção direta. Essa mudança certamente não foi nenhum pecado original, mas algo imposto historicamente. Pois apenas fragmentariamente no recolhimento a si mesma, a cultura burguesa alcança a idéia de pureza em relação aos traços

⁸ Rüdiger (2001) discorre que os Frankfurtianos trataram de um leque de assuntos que compreendia desde os processos civilizadores modernos e o destino do ser humano na era da técnica, até a política, a arte, a música, a literatura e a vida cotidiana.

deformadores de uma desordem que se expande sobre a totalidade dos setores de existência. (ADORNO, 2009, p.49)

Face o exposto é possível refletir sobre os autores de Frankfurt os quais buscaram uma compreensão que não ficou restrita apenas a um campo do saber. Eles investigaram e pensaram as relações do homem dentro da sociedade. Nessa seara referencia-se o pesquisador Barbero (2006), o qual descreve a cultura de massa sendo anterior à industrialização, sendo datada das primeiras décadas do século XIX. O posicionamento do pensador é de que é costumeiro atrelar a sociedade de massa apenas ao desenvolvimento de tecnologias. No entanto, é válido considerar que boa parte dos movimentos que alteraram os rumos da história da humanidade, dentre eles o grande marco político da Era Contemporânea, a Revolução Francesa, foram movimentos pensados, liderados e executados por uma massa homogênea, que não sofreu nenhum tipo de influência de uma mídia advinda da tecnologia que trabalhou no sentido de alienar o povo e a comunicação (BARBERO, 2006).

Essa visão concede à massa uma origem mais antiga que a das tecnologias da comunicação moderna. Nesse sentido, na medida em que o homem se tornou mais rico e aprendeu a se relacionar com um número cada vez maior de pessoas, ele também se tornou um ser mais pobre dentro de uma análise cultural.

Entende-se assim que há a possibilidade de reflexões acerca de que a comunicação se caracteriza por ser um instrumento que o homem aprendeu a dominar e que utiliza para realizar o convívio social, tão necessário para a existência dos indivíduos. Dessa maneira, a comunicação pode ser caracterizada como um fenômeno presente em diferentes aspectos da vida em sociedade, sendo de primeira importância referendar o que ela traz de contribuições para determinados campos utilizados no cotidiano pelos seres sociais que vivem na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M.. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
_____. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Paz na Terra, 2009.

ARAÚJO, A. Pereira de. **Revolução Industrial**. Disponível em:
<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/adrienearaujo/historia025.asp> Acesso em 22 mai 2012

BARBERO, J. M. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BORDENAVE, J. E. **Além dos Meios e Mensagens**. São Paulo: Vozes, 2008

COELHO, T. **O que é indústria cultural?** 35ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993

FELINTO, E. **Patologias no sistema da comunicação:** ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L.C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: Ed. UFBA, 2007.

FURTADO, A.; TEIXEIRA, M. O. **Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1992

HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação:** conceitos, escolas e tecnologias. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCONDES FILHO, C. **Para entender a comunicação:** contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

POLISTCHUK, I.; TRINTA, A. R. **Teorias da comunicação:** o pensamento e a prática do jornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RÜDIGER, F. A Escola de Frankfurt. In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação:** conceitos, escolas e tecnologias. Petrópolis: Vozes, 2001.

VINCENTINO, C. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

WOOLF, M. **Mass Media:** conceitos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmarketing. Lisboa: Editorail Presença, 1999.